

é um crime dormir tranquilo nessa cidade

Por Lane Lopes

Personagens

Cidinha, atriz

Deise, preparadora de elenco

Dutra, diretor

Onório, assistente de produção

Pombo

Tiffany, roteirista em situação de rua

I - Teste de Elenco

Cidinha - Todos os dias desvio do caminho, tentando não te encontrar. Mas você sempre chega. Em forma de gota suja de ar condicionado. Em forma de escapamento. Em forma de cheiro de mijó. Em forma de oração. Sigo túneis abandonados, desço escadas movediças, me confino em elevadores pantográficos, mas em alguma esquina você me acha.

Meus ossos rangem com dores precoces como se me perguntassem se eu não conheço outra posição que não a curvada. Pinga mijó e fumo uma oração.

Você se esqueceu? Você sempre foi assim?

Aperto um número qualquer, desço na sua estação.

Pressionada entre arranha-céus e ilhas de calor, eu continuo te ouvindo.

Seus sussurros gritados, seu deboche.

Sensibilidade mecânica como eu apelidei

Essa habilidade de escutar o ranger do metal

De decifrar o cheiro de esgoto

De saber ler as runas da calçada

Mecânico porque não é natural

Sensível porque me pesa na pele

Você se esqueceu mesmo de mim?

Aplausos

Deise - CIDINHA! Querida, você representou exatamente o que a gente pensou. Você tem um brilho nos olhos meio triste, como se alguém tivesse... não sei, arrancado um naco do seu coração e mastigado com muito ódio e depois regurgitado e colado de volta no seu peito. Lindo. Traz isso pra gente, tá bom?

Cidinha - Deise. Eu... Então eu passei?

Deise - Só temos que acertar algumas coisas meu amor. Você tem problema com nudez?

Cidinha - Nudez? Não, não, já fiz.

Deise - Frontal?

Cidinha - Fiz na faculdade.

Deise - Restrição alimentar? Gravidez?

Cidinha - Nada, nada.

Deise - Tem problema com agressão física?

Cidinha - ?

Deise - Teria problema em sofrer pequenas agressões e violências decorrentes do processo de ensaio e gravação estritamente ligados à construção do personagem?

Cidinha - Acho que não.

Deise - Entende que ofensas, apelidos, cutucões, cócegas, tapinhas, selinhos e convites fazem parte da dinâmica do set?

Cidinha *silêncio*

Deise - Tapa na cara, cabeça no balde d'água, saco plástico...?

Cidinha - Quê?!

Deise - Tô brincando, meu amor. Fala com o Onório para você acertar o pagamento.

Começamos as gravações na quinta. Não engorda. Eu te amo.

II - Corte Seco

Dutra - A gente tem que liberar o espectador entende? Deixa ele ser, Onório. Deixa ele ser. Vamos respeitar esse homem, essa mulher que paga para assistir a gente. A gente tem que lidar com a realidade e a realidade é o que todo mundo quer. Eu quero criar profundidade nesse plano. Eu quero fazer um desenho daqui ó ateeé ali, bem bonito. Nossa, que delícia. Sem corte, Onório, sem corte. Que tesão, Onório. Plano sequência! O foco segue desde a ponta do lápis dela que caiu do chão, vai afastando, pega todo esse cenário, o céu vai crescendo no fundo até aquele solarão, nossa! Ela se torna pequena na imensidão da coisa. É isso que você tem que entender. Essa é a metáfora do Rio de Janeiro.

Onório - Sim, sim, mas é... esse plano sequência vai continuar até qual cena?

Dutra - O filme todo talvez. Sei lá. Vamos ver. Por que não?

Onório - O orçamento teria que ser pensado a partir daí também.

Dutra - Onório deixa de ser mesquinho, pelo amor de deus. Eu posso continuar? O sentido vai tá ali pro espectador. É isso que eu quero deixar para ele, é essa minha herança, meu papel. Pra ele decidir qual é a dele, sabe? A gente vai filmando tudo e tá tudo aí, para todo mundo saber o que sabe melhor. Vai ser uma experiência de registro, um testemunho de tudo que pode dizer justamente o nada, cabe a eles interpretar isso. Tem que dar responsabilidade para esse espectador, Onório.

Onório - Eu não sei se eu tô te entendendo.

Dutra - Ah!

Onório - Se for um plano abertão assim na Praça XV vai com certeza aparecer umas sujeiras no fundo, alguns moradores de rua.

Dutra - Querido, você é formado?

Onório - Como?

Dutra - Você pelo menos já fez alguns workshops de produção ou alguém te indicou?

Onório - Você sabe que eu sou formado, Dutra.

Dutra - Perfeito, então é só fazer um exercício aí de regressão, de recapitulação, talvez abrir uma aba no wikihow “como fazer um plano sequência para o trabalho do qual eu fui contratado”. Eles têm tudo lá.

Onório - Dutra.

Dutra - É só a gente desenhar a paisagem com a câmera. A gente segue as curvas dela como as curvas do céu. De repente Onório, as calçadas dançam. O asfalto se move, em círculo. Maracatu urbano, Onório. O espectador fica tonto e a gravidade se altera. Acho que alguns refletores podem ser interessantes também.

Onório *tomando nota* - Refletores

Dutra - O horizonte se difunde com o mar que surge na tela. E não tem sujeira. Não tem erro. Não tem nada de errado na paisagem, Onório. O que tá errado é você.

Onório *tomando nota* - Eu estou errado.

Dutra - É você que está olhando para o lugar errado, Onório. O foco tá onde a gente quiser que esteja.

Onório - Foco nas curvas.

Dutra - Agora, eu estive pensando no que serviria de substância pra personagem. E acho que precisamos de pessoas reais, entende? Eu quero verossimilhança ao quadrado. Quero mesmo, quero mostrar a cara do Rio, a cara que a gente tem. Que você acha?

Onório *silêncio*

Dutra - Ah! Infelizmente aquela sua amiga não está mais escalada, já conversei com a Deise. A questão é que ela já tinha um cursinho técnico de teatro, sei lá, uns currículos de drama school da vida e eu não quero mais isso. Pensei bem e soa seco, soa falso. É velho, sabe?

Onório - Mas eu já tinha acertado a data de pagamento com a Cidinha, Dutra.

Dutra - Infelizmente, é o business. Mas ela vai ter acesso a nossa festa de estréia com toda a certeza, isso ela pode ficar tranquila.

Onório- E quem você vai contratar afinal? A equipe chorou com ela, Dutra!

Dutra - Sabe quem faz melhor, Onório? A REALIDADE.

Onório - Que?

Dutra - A REALIDADE FAZ A GENTE CHORAR MUITO MAIS.

Onório - DO QUE VOCÊ TÁ FALANDO?

Dutra - Não-atores! Quer melhor performance do que a da vida?

Onório - Você quer contratar não-atores. A preparadora de elenco já tá sabendo disso?

Dutra - Néeeh, não sei se precisa, sabe?

Onório - Ela não precisa saber?

Dutra - Ela não precisa PREPARAR os não-atores. Acho que molda também um pouco a parada. Fica fake, os caras nasceram prontos. Mas enfim, vou deixar isso para você resolver,

pode ser? Anota aí. Chegamos na Praça XV lá para as 5 da manhã e começamos escalando os moradores de rua.

Onório - Escalando. Moradores. Como é?

Dutra - As instruções são básicas, só saber falar algumas palavras indicadas, não precisa decorar, talvez seja importante saber ler, você pode ter um pouco de trabalho com isso. Podemos colocar cartazes atrás. Improviso sempre serviu muito bem ao cinema.

III - Plano aberto

Deise escala pessoas em situação de rua para cena. Cidinha aparece vestindo roupas desgastadas, agindo de forma caricaturada.

Deise - Sabe ler?

Cidinha/Joana - Sei ajuntar as letras, senhora.

Deise - Mora na rua há quanto tempo?

Cidinha/Joana - Três anos.

Deise - Três anos. Arrã.

Cidinha/Joana - Eu acho que é isso.

Deise - Você consegue ler esse texto daqui olhando para câmera?

Cidinha/Joana - Consigo, consigo tudo.

Deise - Perfeito, vamos lá ó, no três, tudo bem?

Cidinha/Joana - Senhora só mais uma pergunta antes.

Deise - Hm?

Cidinha/Joana - O que a gente vai receber se você gostar da minha... coisa. Do negócio. Se resolver filmar.

Deise - Se você passar no teste, ofereceremos refeição completa no set, banho quente e um ótimo sofá disponível. A nossa máquina de café também fica inteira à sua disposição. Não tem vale transporte, mas a van pode buscar quando for necessário, mas é praticamente tudo aqui mesmo, mas vamos supor, caso você tenha que ir para lá, lá é tudo liberado.

Cidinha/Joana - Tudo liberado lá.

Deise - Olha para câmera diz seu nome e sua idade para autorizar a gravação, pode ser?

Cidinha/Joana - Joana Darc, 23 anos.

Deise - Joana Darc?

Cidinha/Joana - Minha mãe que deu.

Deise - Tá, bom Joana Darc, pode falar. As falas tão aqui atrás. Um, dois, três!

Cidinha/Joana - Toda vez que eu durmo na calçada, eu viro um pouco asfalto. Minha mão estendida já coleciona mais guimbas do que moeda. Minha lombar se edifica e eu me sustento como concreto. Viro chão e parede. Invisível e dura. Pilar e destroço.

Você me olha, mas não vê nada. Você me atravessa. Eu te atravesso e não há encontro. Como é possível, dois corpos, dois corpos no mesmo espaço, dois corpos em movimento, dois corpos no mesmo espaço em movimento.

E não há encontro?

Conto restos e sobras e líquidos e resíduos de memórias menos piores.

Como um pombo eu recolho migalhas menos piores de passados recentes.

Como um pombo, logo eu, que fui gente.

Como um bicho

Colhendo

Resíduo

Sobrevivência

Pingando

Resíduo

Pingando

Pingando e virando chorume.

Dutra - Que menina sensacional, Deise! Você é ganache do meu bolo, meu amor.

Deise - Muito melhor do que a outra, né? Toda razão.

Dutra - Ator é muito ultrapassado, pelo amor de Deus. A gente tem que desapegar.

Cidinha - Eu... Eu estou contratada? Quer dizer... é só pra saber mesmo, o filme né, as gravações... vai rolar?

Dutra - Claro minha linda, na verdade a gente já gravou assim mesmo. Quero uma coisa meio bastidores também, acho rico, acho fino. Muito bom mesmo. Deise dá um kitzinho para ela.

Deise - Vem cá linda tenho um kit ótimo do patrocinador, eu já tô usando super, são suportes de refrigerante pra carro, esse é caríssimo no mercado.

Cidinha - Um porta copo?

IV - Pitching

Irrrompe Tiffany, a roteirista em situação de rua, buscando por Dutra.

Tiffany - Quase não te reconheci sem bengala, senhor! Senhor?

Dutra - Quem é você?

Tiffany - Ah, cê não ta lembrado de mim? Sou a Tiffany, pô, dos arcos.

Dutra - Tiffany dos Arcos?

Tiffany - Eu trouxe um negócio para você.

Dutra - É, você pode me dar licença, por favor? Estou fazendo o desenho de som. BZZZZZZZ

BZZZZZZZ

Tiffany *permanece*

Dutra - BZZZZZZZ. BZZZZZZZZZ E se eu trouxesse abelhas para cá por alguma razão... será que eu precisaria justificar isso no filme?

Tiffany - Toma Doutor! Isso aqui vai mudar o mundo!

Dutra - O que é isso?! ONÓRIO!

Tiffany - É meu roteiro. Trouxe como a gente combinou. Pra você olhar.

Dutra - Sai daqui sua maluca, o teste já acabou.

Tiffany – Meu roteiro. Como você prometeu. VOCÊ PROMETEU.

Dutra - Você tá encostando em mim!

Tiffany - VOCÊ PROMETEU! Isso vai mudar tudo cara, tudo, eu acompanhei os personagens até a derrocada, é a metáfora da podridão do Rio de Janeiro.

Dutra - Saia de perto de mim!

Tiffany - A baía que tudo engole. A Baía que despari o próprio filho bastardo e então explode.

Dutra - Você está fedendo! Deise faça alguma coisa!

Tiffany - VOCÊ VAI LER ESSA MERDA! Agora!

Dutra - Sai daqui, tira essa faca daqui!

Tiffany - VOCÊ VAI LER O MEU ROTEIRO!

Dutra - AAAAAA Tá bom, tá bom, eu vou ler, eu vou ler! Cadê essa merda? Cadê!

Tiffany - Aqui! Começa aqui! Cena um, teste elenco.

Dutra - Ce-cena um, te-teste de elenco. Cidinha é a personagem? Cidinha diz: Todos os dias desvio do caminho, tentando não te encontrar. Pinga mijó e fumo uma oração. Você se esqueceu? Você sempre foi assim? Aplausos.

Tiffany – E então?

Dutra - Isso... Isso é... Isso tá um lixo, desencosta de mim, sua louca! Produção!

Tiffany - Como é possível, dois corpos, dois corpos no mesmo espaço, dois corpos em movimento, dois corpos no mesmo espaço em movimento e não há encontro?

Dutra - Onório tira essa desequilibrada daqui.

Onório tenta retirar Tiffany numa dança de braços e pernas

Tiffany - Eu preciso que você me leia, eu preciso que você me leia, eu preciso que você me leia, eu preciso que você me leia, eu preciso que você me leia, eu preciso que você me leia, eu preciso que você me leia, eu preciso que você me leia-me leia-me leia-me leia-me leia-me você, leia-me você, eu preciso de você, eu preciso de você, eu preciso de você, ainda que, ainda que, eu leio você eu leio você precisa que eu, eu leio você precisa que eu leia, eu leio você precisa que eu leia você.

Onório consegue retirar Tiffany brutaemente.

Dutra - ONÓRIO! Onório. Me diz que alguém filmou isso! Filmou?

Magnífico!

V – Direção de atores: Sós os fortes

Deise - É isso, queridos, muito bem. Não foi fácil estar aqui, eu sei. Imagino o quanto é difícil estar nessa pele rejeitada, amassada, atropelada pela vida em qualquer lugar do mundo, mas especialmente no Rio de Janeiro. Esse lugar desigual, tumultuado, ignorante. Onde é necessário se alimentar de sujeira e dormir em escombros. Por isso, essa é uma grande

oportunidade de ressignificarmos esse espaço. Essa pele. Essas penas. Mas só os melhores terão essa chance. Essa chance de se marcar na história que só o cinema possibilita.

Percebe-se que Deise conversa com uma multidão de pombos do Largo da Carioca.

Pombo - Prruu

Deise - Só aqueles que souberem esperar o seu momento. É preciso aguardar o pote de ouro. Deixa eu contar uma história para vocês. Um teste da Harvard Animal School of Tests oferecia miolos de pão para centenas de pombos, deixando claro que se eles esperassem 15 minutos para se alimentar na hora estipulada ganhariam não apenas aquele miolo de pão como também outro miolo com margarina! Meus amigos, isso nos mostra que o sucesso é caminhada! Que quem espera alcança, meus bebês. Em pouco tempo a pesquisa comprovou que os pombos que esperaram o momento exato para se alimentar eram os mesmos animais que sobreviveram 2 semanas a mais sem serem atropelados. Porque eles souberam o seu momento!

Pombo - Prruu

Deise – E como uma treinadora licenciada pela California Animal Training Expert School só aceito em cena os melhores. E para isso vamos aplicar para este filme os mesmos testes de Harvard!

Pombo - Prruu

Deise - Shiiiiiu. Queridos, chegou o momento. Espero que escutem atentamente. Só aqueles que esperarem 15 minutos sem comer os miolos de pão terão direito a participar deste filme. Só os sedentos, os famintos. Só aqueles esganados, os virulentos, os violentos. Os que têm sangue nos olhos, os que despedaçam vísceras pela sobrevivência. Os que se debatem em avenidas, os que ultrapassam os passantes, os que despenteiam senhoras nas pracinhas, os que passam de raspão em moleiras de bebês, aqueles que cagam em criancinhas, só os que comem marmitta de mendigo e bicam olhos de gatinhos. **SÓ OS VENCEDORES!**

Deise joga migalhas de pão

VI – Cinema Verdade

Cidinha se prepara em um camarim improvisado. Tiffany a aborda.

Tiffany – Eu vi o que você falou ali em cima.

Cidinha – Quem é você?

Tiffany – Eu escrevi isso tudo.

Tiffany mostra o roteiro.

Cidinha – Olha com licença, que eu não tenho dinheiro nem tempo.

Tiffany – Por favor. Eu vi como você fala. Eu quero te fazer uma proposta.

Cidinha – Olha, tem um policial vindo ali e ele vai perguntar porque você tá me puxando pelo braço e eu/

Tiffany - Ah, então a madame vai chamar a polícia? Vocês realmente acham que a gente é igual bicho de luz né, que é só espantar com cassetete que eu saio voando. Né? Filha da puta. Com todo respeito, eu não sou ladra não, só sou pobre. Você tá me entendendo? Se eu peço um minuto da sua atenção não é diferente do que todo mundo faz, do que todo mundo pede. Você acha que eu não sei? Você acha que eu nunca fui? Você acha que eu não penso? Você acha demais. Te estranha meu corpo? Te estranha meu cheiro? Eu tenho o corpo que a cidade me deu. Eu peso a matéria que sobrou pra ser. Quero que você se foda. Quero te perguntar uma coisa só, cê me responde? Na humildade mesmo? Me diz uma coisa: desprezo mata?

Silêncio

Cidinha – O que você quer de mim?

Tiffany - Eu vi você falando. Que essa cidade te transforma, te edifica e te esquece. Que te resta ser pombo, ser praça. Que tudo te atravessa antes de você atravessar. Eu vi você perguntando, *como é possível dois corpos no mesmo espaço, dois corpos em movimento, dois corpos no mesmo espaço em movimento e não há nenhum tipo de encontro?*

Mas que encontro existe entre o pombo e a roda? Que diálogo existe entre o pombo e o asfalto?

Cidinha – Eu não sou o que você pensa que eu sou.

Tiffany – Eu quero te fazer uma artista.

Cidinha – Eu já sou uma artista.

Tiffany – Eu tô falando de artista de verdade. Sabe aquilo que você procura? Sabe o real, sabe o corpo, sabe a pele? Sabe voz? Sabe o cheiro, sabe a dor?

Cidinha - Você não tá entendendo. Isso não é de verdade. Esse nome não é meu, essas roupas não são minhas.

Tiffany – Eu não te perguntei nada disso. Eu vi você falando. Eu só quero que você me leia. Eu só quero te transformar na artista do meu filme. Na artista da sua vida. No meu veículo. Na metáfora do Rio de Janeiro.

Estáticas. Olhos de Cidinha brilham e ela sonha por um tempo, lendo o roteiro de Tiffany, o qual não temos acesso. Os olhos de Tiffany também brilham ao compartilhar sua obra, mas de forma menos ingênua. Despertam do transe e se tornam parceiras.

Cidinha – Cinema-verdade o nome disso, Tiffany. Bem cru, cru o nome mesmo né? Estética precária, chique.

Tiffany – Achou chique?

Cidinha – Isso aqui é uma ironia muito bem trabalhada. Ironia né? Ou crítica? Ou tudo junto. Mas pode ser claramente interpretado como uma piada jogada, você sabe né? É complicado, tem que tomar cuidado com o que você escreve, e essas palavras saindo da minha boca assim, escorrendo por esse corpo aqui específico. Tem que ver se cabe. Tem que marcar o lugar da boca que fica e da fala que sai. Muito a se fazer.

Metáfora pode ser equívoco também, receita duvidosa. E eufemismo, eufemismo pode ser uma metáfora? Eufemismo pode ser metáfora, tipo “soco” que poderia significar “porrada” dentro de uma poesia. Né? Te enchi de socos. Te enchi de porrada. É um eufemismo? É uma metáfora? O que é o que é?

Tiffany – Eu quero revirar o lixo.

Cidinha – Te enchi de sopros. Te enchi de arrotos. Será que cabe na boca?

Tiffany - Vai escorrer chorume de todos os buracos até não restar nada, até fazer eco.

Cidinha – E ainda tem o fato de que pode ser que pareça contraditório que exista um roteiro para registro de uma cena real. Sendo que o real é aquilo que acontece e ninguém teve tempo de escrever, porque no momento que escreve não é mais real, é outra coisa.

Tiffany – E buraco meu amor, é onde dá eco.

Cidinha – Documentário então é tudo uma mentira, né?

Tiffany – Eu preciso que você pegue uma câmera para nós.

Cidinha – Eu topo. Eu quero ser de verdade.

Tiffany – Cidinha. Eu posso contar com você?

Cidinha – Cidinha, I will make you a star.

Tiffany – Gravada na história. Feito cinema.

Pombro – Pruu

VII - Montagem

Onório - Senhores, vocês poderiam dar licença, por favor? Sim. Vocês, isso, por favor. Com licença? Estamos tentando gravar um filme sobre o Rio de Janeiro e é muito importante que vocês não estejam aí no fundo.

Nenhum de vocês aí, isso é muito importante. Estamos em processo de gravação.

Tá vendo aquela câmera ali? Isso, então. Ela custou muito caro. Muuuito caro. Ela tem um alcance magnífico. Magnífico. Aquela lente é assustadora. Ela custa três vezes o preço da câmera, você sabe quanto é isso? E meu amigo, vai ser tudo filmado de uma vez só. Plano-sequência. Um absurdo. A gente vai criar profundidade nesse plano. Vamos desenhar daqui ó atéeee ali, bem bonito. Uma delícia, sem corte nenhum. Um tesão! É a forma de lidar com essa realidade, entende? O foco segue desde a ponta do lápis dela que caiu do chão, vai afastando, pega todo esse cenário, o céu vai crescendo no fundo até aquele solarão...

E para isso fica impossível vocês estarem aqui. Com esse andaime, esse tapume e toda essa maquinaria urbana. Nós temos licença para filmar aqui. Vamos fechar da Praça XV até o metrô da Carioca. Sairemos de lá, acompanharemos todo esse caminho. As calçadas dançam.

O asfalto se move, em círculo. Um maracatu urbano, você não entenderia. Por isso é muito importante que nenhum de vocês esteja no fundo.

Só assim vamos conseguir capturar o horizonte de láaaaaaa.

E aí não tem sujeira.

Não tem erro.

O errado é você, my rio.

E eu vou expurgar de você todo esse mal. Juro. Vou te fazer carinho com força, dar tapinha nas costas para você tossir e desengasgar de toda impureza humana. Vou multar toda sua urina, toda sua desonestidade, toda sujeirinha, cabelinho, comidinha no ralo da pia, toda chikunguya, toda verba para o carnaval, toda cruz em seu indevido lugar, todo cu em seu indevido uso. Só assim, só assim. Entendeu? Tá escrito ali que é só abrindo um buraco e virando avesso. Só abrindo um buraco com um fuzil, com uma pistola ou com uma granada, tudo de acordo com a preferência e o conforto do cidadão. *De bem* gosto eu faria uns furos ao fundo mesmo, acho necessário, necessário que diz? Não é porque é cênico que não é real. Sangue de shhhhhh tem poder. Tem poder, tem poder o sangue. Shhhhhh. O shhhhhh sempre tem poder. Eu acredito que tem poder. Sempre.

É mostrar a cara que a gente tem. Verossimilhança ao quadrado.

Ah. Você não entenderia.

VIII - Director's cut

Dutra - Segue filmando, querido! Não pode parar! Vamos atravessar a Baía assim! Continua desenhando a câmera no ar. Tá lindo, lindo isso. Entra na barca. Deise vem também, Deise, vem. Onório, larga o brioche, deixa de ser mesquinho. Vem Joana querida, você vai atravessar desfilando, como uma pluma. A metáfora do Rio de Janeiro. Leve, quente, suja. Quando chegar ali no centro da proa, quero você com raiva. Com ódio. Puta mesmo. Meu ódio perdido na Baía de Guanabara!

Deise bate na cara de Cidinha/Joana

Deise - O Rio é você, meu amor.

Onório - Cidinha?

Cidinha/Joana - Logo eu, que fui gente. Como um bicho. Como um bicho? Colhendo, catando. Contando, trocando. Resíduo. Sobrevivência. Marca e buraco. Pingando resíduo. Pingando e virando meu próprio chorume. Transbordando na baía, líquido viscoso e duvidoso que alimenta essa terra de descrença, asfalto e pedra portuguesa.

Eu vou me vingar do deboche do seu cristo, cidade navalha.

Eu vou me vingar do desprezo da sua geografia.

Eu abro minhas pernas e sugo de volta toda essa nojeira. Eu me transformo no cano que tudo suga para dentro. No bueiro que transborda para fora. No ralo da pia do mundo. E não vai sobrar

nenhum de vocês

pra contar essa história.

Onório – O texto não era esse.

Dutra – Que coisa mais linda esse meu diamante bruto!

Tiffany – Cidinha, agora!

Tiffany surge atrás segurando a câmera que registrava toda a cena.

Cidinha – Eu não acabei a minha fala, Tiffany!

Tiffany – Isso não importa!

Deise – Cidinha?

Dutra – A louca!

Onório - Larga essa câmera agora, você não sabe quanto custa essa lente!

Deise – Mas você foi demitida!

Cidinha – Deise, eu te demito! Tiffany, demite ela!

Tiffany – Esse filme agora é meu.

Tiffany/Dutra – Quem você pensa que é?

Cidinha – Olha para ela, Dutra! Te tortura o que você não tem controle?

Deise – Foi a sua ideia chamar essa atriz, Onório.

Onório – Eu conheci ela fazendo peça infantil!

Tiffany – Não me ensinaram outra posição que não a curvada, mas é nela que a câmera se posiciona nos meus ombros.

A câmera é engatilhada.

Dutra – O meu filme! Você não vai estragar meu filme!

Close up em Dutra

Tiffany – Dutra. Me olha nos olhos. O que você vê?

Dutra – Onório, faça alguma coisa.

Cidinha – Responde ela agora!

Tiffany – Você se esqueceu mesmo de mim? Quando passou por mim, se esquivou do meu corpo, pelos arcos, pelos viadutos. Você realmente fingiu que não viu enquanto eu dormia e zelava pelo seu sono? Eu tomei cuidado para garantir que eu me mantivesse ali, que eu ficasse ali tempo suficiente para você viver sua vida mesquinha, para você se cobrir e dormir. Você realmente não se moveu quando me viu com fome, sangrando, sem teto, sem nome, sozinha?

Dutra *refém*– Eu não posso fazer nada. Eu sou refém dessa cidade. Imagina olhar para cada um dos corpos que jazem, que sobrevivem nas esquinas, nas marquises? A culpa não é minha, eu não sou capaz! Eu não sei como.

Tiffany – Eu não conheço essa palavra culpa.

Deise – Que burra.

Cidinha bate na cara de Deise

Cidinha – Cala a boca. *sussurra* Eu te amo.

Dutra – Eu só queria ser. Viver sem esse peso constante, sem essa culpa superfaturada de não ser bom o bastante. Essa culpa de não estar falando o bastante do que deve ser falado. Eu queria construir **a nossa** metáfora. Sabe? Cavar as semelhanças na imagem, destrinchar, corroer, besuntar, escrachar. É um crime, fazer sua própria arte? Fazer o bem sem olhar a quem? É um crime dormir tranquilo nessa cidade? É um crime olhar para frente e não para o lado? É um crime não olhar para baixo?!

Tiffany – Essa questão de crime é muito relativ...izada. Eu não me importa. Agora preste atenção enquanto eu te dirijo. Tudo mudou. Vamos utilizar essa lente e essa câmera para contar outra história. Não aquela em que você se esquivava, se engole, sente culpa e dorme em redenção. Vou contar outro lado do sono. O outro lado da rua.

Dutra – O que você quer que eu faça?

Tiffany – Eu quero/

Dutra *repetidas vezes* – Me diz, o que você quer que eu faça? É um crime? O que você quer que eu faça? É um crime?

Tiffany *repetidas vezes* – Eu quero/

Tiffany – Eu vou explodir esse barco.

Cidinha mostra uma granada debaixo de sua roupa. Onório desmaia.

Deise – Isso é mentira Dutra, não existe homem-bomba no Brasil.

Dutra – Eu já te ouvi. Eu já te vi. Eu já até te li. O que mais você quer de mim?

Tiffany – E quero meu filme. E ele começa agora.

Cidinha – Dutra querido, frente a frente com a lente. Conta para nós: o que movimenta sua arte?

Tiffany – Sua arte é veículo de outra coisa que não o ego?

Cidinha – É verdade que buraco é onde dá eco?

Tiffany – Chorume é fertilizante?

Cidinha – Medo é combustível?

Tiffany – É entulho ou é performance?

Cidinha – Instalação ou puxadinho?

Tiffany – Existe homem-bomba no Rio de Janeiro?

Cidinha – Terrorismo ou atitude?

Tiffany – E agora, você me vê? Você me vê? Agora?

A câmera aponta para a cabeça ou para o coração. O que importa é que é fatal.

Dutra – Eu vejo! Nós, eu, vocês... Meu amor, nós somos sim, veículos, apenas veículos de uma arte, de uma palavra. Somos táxis urbanos. Isso! Não, somos ônibus, ônibus lotados de criatividade. Borbulhantes de braços e pernas e axilas suados de poesia. Vocês tem que entender que eu não sou o culpado de nada. Eu sou nosso veículo, meu caminho. Pega carona nessa cauda de cometa, meus amores. Por que ao invés de nos matarmos por pouco espaço, por poucas narrativas. Por que não nos unimos em busca de uma só palavra?

Cidinha – One heart.

Tiffany – Por que não nos unimos? Ele disse.

Cidinha – Un corazón.

Tiffany – O momento do encontro.

Cidinha – O sujeito e o objeto.

Tiffany – A roda e o pombo.

Cidinha – Duas pessoas no mesmo espaço em movimento.

Tiffany – Fuzil e a parede.

Cidinha – Plano-sequência.

Tiffany – Há de haver encontro.

Dutra – Abaixa essa câmera, por favor, vamos conversar. Abaixa essa câmera.

Tiffany – Não tem corte Dutra. Não tem pause. Agora sou eu quem vai contar essa história.

Só eu. Vocês querendo ou não.

Tiffany aciona a granada, o barco explode. Os pombos saem voando. Essas pessoas no mesmo espaço, no mesmo espaço em movimento, se atravessam, rompem a matéria e se encontram como resíduos que escorrem na água suja da Baía.

E o encontro acontece.